

INCORPORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “AO SUL DA FRONTEIRA” ÀS AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Francisco Fernandes Ladeira¹

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados obtidos em uma prática pedagógica realizada na disciplina de Geografia em que o documentário *Ao sul da fronteira* foi exibido e debatido com alunos de uma turma do Curso Técnico em Guia de Turismo do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio (PROEJA). O documentário em questão analisa as representações midiáticas sobre governantes latino-americanos politicamente à esquerda e aponta como as políticas econômicas neoliberais falharam em aliviar os graves problemas relacionados às desigualdades sociais na América Latina. Após a exibição do documentário, houve uma breve discussão em que professor e alunos destacaram as questões que mais lhes chamaram a atenção em *Ao sul da fronteira*. Posteriormente, o professor apresentou uma atividade proposta sobre o documentário assistido. A partir da experiência didática aqui relatada foi possível perceber uma melhor compreensão por parte dos discentes a respeito dos mecanismos de manipulação midiática, fator importante para suas formações enquanto cidadãos críticos e capazes de atuar positivamente em seus contextos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; Geografia; geopolítica; América do Sul; sala de aula.

INCORPORATION OF THE DOCUMENTARY “SOUTH OF THE BORDER” IN GEOGRAPHY CLASSES IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT: This article presents the results obtained in a pedagogical practice carried out in the discipline of Geography in which the documentary *South of the Border* was shown and debated with students from a class of the Technical Course in Tourism Guide of the Integration Program from Professional Education to Teaching Medium (PROEJA). The documentary in question analyzes how Latin American politicians on the left are portrayed in the news and points out how neoliberal economic policies have failed to alleviate the serious problems related to social inequalities in Latin America. After showing the documentary, there was a brief discussion in which the teacher and students highlighted the issues that most caught their attention in *South of the Border*. Later, the teacher presented a proposed activity on the assisted documentary. From the didactic

¹ Especialista em “Brasil, Estado e Sociedade” pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei –UFSJ. Articulista do Observatório da Imprensa.

experience reported here, it was possible to perceive a better understanding on the part of the students regarding the mechanisms of media manipulation, an important factor so that they can constitute themselves as critical citizens and capable of acting positively in their social contexts.

KEYWORDS: documentar; geography; geopolitics; South America; classroom.

INCORPORACIÓN DEL DOCUMENTAL “A LA FRONTERA SUR” EN CLASES DE GEOGRAFÍA EN EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados obtenidos en una práctica pedagógica realizada en la disciplina de Geografía en la cual el documental Sur de la frontera se mostró y debatió con estudiantes de una clase del Curso Técnico en Guía de Turismo del Programa de Integración de la Educación Profesional a la Enseñanza Medio (PROEJA). El documental en cuestión analiza cómo los políticos latinoamericanos de la izquierda son retratados en las noticias y señala cómo las políticas económicas neoliberales no han logrado aliviar los graves problemas relacionados con las desigualdades sociales en América Latina. Después de mostrar el documental, hubo una breve discusión en la que el maestro y los alumnos destacaron los temas que más llamaron su atención en el sur de la frontera. Más tarde, el maestro presentó una actividad propuesta sobre el documental asistido. A partir de la experiencia didáctica presentada aquí, fue posible percibir una mejor comprensión por parte de los estudiantes sobre los mecanismos de manipulación de los medios, un factor importante para que puedan constituirse como ciudadanos críticos y capaces de actuar positivamente en sus contextos sociales.

PALABRAS CLAVE: documental; geografía; geopolítica; Sudamérica; aula.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com artefato midiático em sala de aula é uma prática pedagógica cada vez mais constante no ensino de Geografia na educação básica.

No caso dos tópicos relacionados à geopolítica (cujos conteúdos geralmente estão distantes do cotidiano discente, o que exige grande capacidade de abstração), é fundamental que o professor desenvolva metodologias inovadoras, que superem a mera utilização de recursos didáticos básicos (como giz, quadro negro e livro didático). Diante dessa realidade, a incorporação de documentários surge como uma possibilidade auspiciosa, pois, conforme concluíram estudos recentes sobre práticas didáticas bem-sucedidas (BARBOSA,

2011; VLACH; BORGES NETO, 2015; LADEIRA, 2019), este material midiático, quando bem trabalhado pelo docente, torna as aulas de Geografia mais dinâmicas, o conteúdo ministrado fluiu de maneira mais clara e os alunos demonstram maior interesse pela Geografia, fator que potencializa o processo de ensino-aprendizagem.

Para Ladeira e Leão (2018), os documentários – produções artísticas não-ficcionais, que se caracterizam principalmente pelo compromisso de exploração da realidade – geralmente trazem visões diversificadas sobre variadas temáticas presentes na Geografia Escolar, sobretudo no tocante às questões geopolíticas.

Todavia, espera-se que a utilização de documentários supere o caráter meramente ilustrativo; isto é, este artefato midiático deve ser concebido não como um recurso didático complementar, mas como um material a ser estudado e sistematizado em sala aula.

Também é imprescindível que o docente tenha um planejamento bem definido, objetivos claros, vocabulário adequado, metodologias de ensino pertinentes (que superem a simples transmissão de informações) e proponha diálogos fecundos entre os conteúdos presentes nos documentários trabalhados e as categorias de análise da ciência geográfica (LEÃO; CARVALHO LEÃO, 2008; LADEIRA; LEÃO, 2018).

Sendo assim, a partir das reflexões acima apresentadas, este trabalho relata uma prática pedagógica, realizada na disciplina de Geografia, em que o documentário *Ao sul da fronteira* foi exibido e debatido com alunos de uma turma do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio (PROEJA) do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) com o objetivo de entender as coberturas jornalísticas não como despreziosas narrativas sobre a realidade, mas como construções discursivas que atendem a determinados interesses econômicos e ideológicos.

Para tanto, foram observadas as três aulas em que o documentário foi assistido e discutido e, posteriormente, relatadas as principais observações e conclusões feitas pelos alunos sobre as atividades propostas pelo professor de Geografia.

Levando-se em consideração a influência exercida pelos grandes grupos de comunicação na formação intelectual de boa parte dos estudantes brasileiros e o baixo número de pesquisas científicas sobre a incorporação de materiais midiáticos ao processo de ensino-aprendizagem em Geografia, consideramos que este trabalho pode contribuir para o meio acadêmico de maneira geral e para os estudos na área de educação geográfica, em particular. METODOLOGIA

A escolha da metodologia adequada para o desenvolvimento de uma pesquisa depende do objetivo e, conseqüentemente, das questões que os pesquisadores desejam responder (BRANSKI; CALDEIRA FRANCO; LIMA JUNIOR, 2010).

Nesse sentido, o presente trabalho possui como referencial metodológico a chamada “pesquisa exploratória”, seguindo a perspectiva de um estudo de caso, procurando analisar sistematicamente uma determinada realidade e suas especificidades.

Segundo Gil (1988), a pesquisa exploratória tende a proporcionar maior conhecimento para o pesquisador sobre um assunto específico, para que assim ele possa formular problemas mais precisos ou então criar hipóteses que venham ser pesquisadas por estudos posteriores, além de proporcionar uma visão geral de determinado fato, do tipo aproximativo.

Portanto, a escolha pelo estudo de caso se deve, sobretudo, pela possibilidade que essa perspectiva possui em retratar a realidade de forma complexa e profunda, levando em conta o contexto em que os diferentes atores sociais se situam (LÜDKE; ANDRÉ, 2003).

De acordo com Yin (2001), o estudo de caso pode ser definido como um estudo detalhado e exaustivo de poucos, ou mesmo de um único objeto, fornecendo conhecimentos profundos sobre uma dada realidade.

Ainda segundo este autor, o estudo de caso possui as seguintes características: o fenômeno é observado em seu ambiente natural; a complexidade do caso é estudada intensamente; a pesquisa envolve as questões “como” e “por que”; enfoca temáticas contemporâneas e requer um problema que convoca a compreensão holística de um evento ou de uma situação em questão, usando a lógica indutiva, ou seja, do particular ou do específico para o geral.

O estudo de caso aqui relatado foi observado durante três aulas da disciplina de Geografia, em uma turma de 6º Período do Curso Técnico em Guia de Turismo Integrado ao Ensino Médio, do IFES, *Campus Vitória*, na modalidade PROEJA.

A turma em questão contava, à época de nossa observação, com 13 alunos. Como se tratava de um curso noturno, a maioria dos discentes pertencia à classe trabalhadora, principal público-alvo do PROEJA.

Procuramos compreender os indivíduos que participaram deste estudo a partir de seus contextos sociais, culturais e institucionais; o que nos permitiu a concepção do cotidiano escolar como possibilidade de vivências únicas e impregnadas de sentido (GODOY, 1995; GIL, 1988; GHEDIN; FRANCO, 2008).

Também é importante frisar que docente e discentes tinham pleno conhecimento de que a prática pedagógica por eles protagonizada seria relatada neste artigo, preservando, devidamente, o anonimato de todos os envolvidos.

DOCUMENTÁRIO AO SUL DA FRONTEIRA

No documentário *Ao Sul da Fronteira* (2009), o diretor Oliver Stone demonstra como a grande imprensa dos Estados Unidos retrata os governantes

de esquerda latino-americanos a partir de visões estereotipadas, representando Hugo Chávez e Evo Morales como tiranos que perseguem opositores, apoiam narcotraficantes e concedem abrigo a células de organizações terroristas internacionais.

Além do mais, estes veículos de comunicação recorrem constantemente a práticas cômicas para difundir clichês e generalizações que ridicularizam hábitos e costumes das populações da América Latina.

De maneira geral, conclui Stone, as maiores redes de notícia estadunidenses seguem as orientações da política externa da Casa Branca e dividem o mundo em “amigos” (líderes que fazem o que os Estados Unidos querem que eles façam) e “inimigos” (líderes que tendem a discordar de Washington).

O documentário também analisa como as políticas econômicas neoliberais de livre mercado, historicamente impostas pelos Estados Unidos e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), falharam em aliviar os graves problemas relacionados às desigualdades sociais na América Latina.

Oliver Stone sugere que calamidades financeiras, como a crise argentina de 2001, combinadas com as desconfianças dos latino-americanos em relação aos programas estadunidenses de erradicação do tráfico de drogas e com um ressentimento generalizado em relação às privatizações, contribuíram para a ascensão de políticos de esquerda na América Latina.

Além dos citados Hugo Chávez e Evo Morales, também foram entrevistados no documentário os presidentes Luis Inácio Lula da Silva (Brasil), Rafael Correa (Equador), Néstor Kirchner (Argentina), Cristina Kirchner (Argentina), Fernando Lugo (Paraguai) e Raul Castro (Cuba).

A ESCOLHA DO MATERIAL MIDIÁTICO TRABALHADO

Na ementa do Curso Técnico em Guia de Turismo, relativa ao 6º Período, consta que o conteúdo a ser trabalhado em Geografia é o espaço turístico da América do Sul. A formação do Guia de Turismo permite que este profissional possa organizar excursões com destino a todos os países do subcontinente sul-americano. Porém, ao chegar em outros territórios, os excursionistas devem ser guiados por um profissional local.

No início do semestre, o professor de Geografia trabalhou os aspectos físicos da América do Sul (localizações de países, relevo, hidrografia, vegetação e clima). Em relação à Geografia Humana, foram feitas breves considerações sobre a história do subcontinente, para posteriormente, serem abordadas questões econômicas, urbanas, populacionais e geopolíticas.

De acordo com o cronograma semestral, a disciplina seria encerrada com um seminário sobre o espaço turístico da América do Sul, em que os alunos, divididos em seis grupos, apresentariam os principais pontos turísticos de nosso subcontinente.

Conforme nos informou o professor, grande parte dos imaginários dos alunos sobre as outras nações sul-americanos são produzidos a partir dos discursos da mídia brasileira, que, segundo ele, “são meras reproduções dos conteúdos divulgados pelas grandes agências de notícias internacionais” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Diante dessa realidade, o docente considerou ser necessário fazer reflexões em sala de aula a respeito de como são construídas as narrativas midiáticas sobre os vizinhos brasileiros.

Após várias pesquisas em sites de busca, o professor concluiu que o documentário *Ao sul da fronteira* seria o material paradidático mais indicado, pois “além de mostrar como a geopolítica sul-americana é abordada na mídia estadunidense, ele traça um interessante panorama sobre o que foi o nosso

subcontinente no final dos anos 1990 e na primeira década do século XXI” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Corroborando as palavras do professor de Geografia, Steinberger (2005) afirma que a América Latina ainda constrói práticas sócio-informativas a partir de um imaginário colonialista. As informações que as nações do subcontinente recebem sobre os países vizinhos não são geradas diretamente por eles, mas por agências de notícias sediadas nos países desenvolvidos, sobretudo nos Estados Unidos. Diante dessa realidade, governos latino-americanos que tenham posturas contrárias aos interesses das grandes potências mundiais ou representem obstáculos para a expansão capitalista tendem a ser representados de maneira negativa na mídia.

Por sua vez, Soares (2004) – ao analisar a presença de notícias sobre a América do Sul em três jornais: *Correio Braziliense*, *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo* – constatou a preferência por publicações de catástrofes, crises financeiras e terrorismo. Segundo o autor, este conteúdo negativo das notícias se deve aos temas escolhidos e não necessariamente aos países.

A Argentina é destacada por causa de sua rivalidade desportiva com o Brasil, pelas relações comerciais conturbadas com outras nações e pelos pacotes econômicos equivocados. A Colômbia geralmente é noticiada de maneira negativa, principalmente pelos atos de violência política e os problemas com o tráfico de drogas. Parcela considerável das notícias sobre o Peru menciona atividades terroristas. Já a presença do Chile nos noticiários é mais discreta. Entre os temas, os que mais se destacam são as relações políticas e econômicas internacionais da nação andina. A Venezuela é apresentada pela imprensa brasileira como um país em permanente estado de caos.

Por outro lado, apesar de suas localizações estratégicas como países limítrofes, Suriname e Guiana são totalmente ignorados pelas produções midiáticas brasileiras.

PRÁTICA PEDAGÓGICA

Antes da exibição do documentário *Ao sul da fronteira*, o professor fez algumas considerações:

Hoje nós vamos assistir ao documentário *Ao sul da fronteira*, do renomado diretor estadunidense Oliver Stone. Como eu já disse para vocês, a geopolítica atual é, em grande medida, entendida pelo público a partir das narrativas midiáticas. No entanto, os noticiários reduzem a complexidade das relações internacionais a simplificações, de acordo com o viés ideológico. Independentemente de suas posturas políticas, vocês vão observar que governantes como Hugo Chávez, Rafael Corrêa, Evo Morales e Lula são retratados negativamente pela mídia dos Estados Unidos, o que também é feito pela imprensa aqui do Brasil. Isso não contribui para construirmos argumentos sólidos para um debate consistente sobre geopolítica.

211

Feitas as devidas ressalvas, o professor distribuiu e leu com os alunos um resumo sobre o conteúdo do documentário. Devido a duração do material midiático (em torno de 80 minutos) foram necessárias três aulas para exibição e posterior discussão do mesmo.

Finalizada a exibição, o professor perguntou aos alunos quais foram suas impressões sobre o documentário *Ao sul da fronteira*. Entre as respostas destacamos as falas a seguir:

Gostei, professor, eu já tinha reparado como a televisão persegue o PT. É igual nos outros países, com outros presidentes.

É bom, mas eu achei o documentário cansativo.

Nossa! Quantas mentiras que esses jornais contam.

Professor, eu já tinha visto alguma coisa sobre alguns desses presidentes que apareceram no vídeo. O do Paraguai [Fernando Lugo] eu nunca ouvi falar. Esse da Venezuela [Hugo Chávez] estava sempre na televisão, eu pensava que ele era ruim, só aparecia coisa

ruim sobre ele na Globo. Mas hoje vi que ele também fez coisas boas.

Percebe-se, nessa última observação, a grande influência dos noticiários na formação de imaginários geopolíticos. Segundo Adami (2008), desde a primeira eleição de Hugo Chávez para a presidência da Venezuela, em 1998, houve uma ostensiva campanha midiática com o objetivo de deturpar a imagem do líder bolivariano.

Mesmo Chávez sendo eleito e reeleito em eleições democráticas, avalizadas por observadores internacionais, dentro das normas constitucionais e com a garantia de direito a voto para todos os cidadãos maiores de idade indistintamente; a mídia brasileira construiu a imagem do ex-presidente venezuelano como um ditador que representava grande ameaça para a estabilidade política da América do Sul. Já o desconhecimento da 212
aluna sobre quem é Fernando Lugo demonstra como os noticiários internacionais da mídia brasileira negligenciam informações relacionadas aos países sul-americanos que não apresentam grande projeção na geopolítica internacional, como é o caso do Paraguai (que, na imprensa e no senso comum, tende a ser associado a contrabandos, falsificações e tráfico de entorpecentes).

O fato de uma das alunas mais jovens da turma (23 anos) ter considerado o documentário “cansativo” corrobora a tese de Wolf (2019) sobre as novas gerações, acostumadas às linguagens dinâmicas e superficiais da internet, apresentarem certa resistência e desatenção em relação às obras midiáticas que possuem duração superior a uma hora.

Por outro lado, as falas discentes que identificaram as manipulações midiáticas em favor de uma determinada linha ideológica apontam como uma recepção ativa em relação aos discursos midiáticos é fundamental para a formação de cidadãos reflexivos, o que significa “a passagem de uma *consciência ingênua* para uma *consciência crítica* que permita reconhecer, além das *intenções*

explícitas, as possíveis *intenções implícitas* que são vinculadas nos diferentes tipos de mídia” (LADEIRA; LEÃO, 2018, p. 231).

No tocante às colocações feitas pelos alunos após a exibição do documentário produzido por Oliver Stone, o professor ressaltou novamente sobre a necessidade de se assistir aos noticiários a partir de um olhar questionador, não se deixando levar pelas simplificações presentes em determinados discursos tendenciosos; elogiou as respostas que identificaram as manipulações midiáticas e se mostrou compreensivo com os alunos que alegaram não conhecer alguns chefes de Estado sul-americanos, pois, de acordo com palavras do próprio docente, “ao contrário de outras regiões do planeta, como o Oriente Médio e a Europa, a política da América do Sul ainda é pouco comentada em telejornais” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Em sequência, o professor apresentou uma atividade a ser feita pelos alunos contendo quatro questões, descritas abaixo:

- 1) Como os presidentes sul-americanos politicamente à esquerda são retratados pela mídia dos Estados Unidos? Este tipo de representação também está presente na imprensa brasileira? Justifique sua resposta.
- 2) Quais são os pontos em comum entre os documentários *Ao sul da fronteira* e *O mundo global visto do lado de cá*?
- 3) Cite um exemplo de manipulação midiática relacionado à cidade onde você mora e outro caso relacionado à geopolítica global.
- 4) A dificuldade dos brasileiros em se identificarem como sul-americanos é um fator que contribui, em parte, pelo desinteresse do público por notícias que abordam a geopolítica da América do Sul. Sendo assim, de acordo com as nossas aulas, aponte alguns motivos que dificultam a identificação dos brasileiros enquanto sul-americanos.

Como não houve tempo hábil para o término das atividades propostas, o professor encerrou a aula e avisou aos alunos que as respostas e os comentários sobre as mesmas seriam realizados na semana posterior.

RESULTADOS DA ATIVIDADE PROPOSTA

As análises das respostas concedidas pelos alunos ao questionário sobre o documentário *Ao sul da fronteira*, bem como suas participações no breve debate proposto pelo professor, nos permitem afirmar que o objetivo das aulas de Geografia com artefato midiático – entender as coberturas jornalísticas como construções discursivas que atendem a determinados interesses econômicos e ideológicos – foi atingido com êxito.

Em relação à primeira pergunta do questionário – que abordou como as mídias estadunidense e brasileira representam governos à esquerda – os alunos concluíram que os noticiários apresentam visões tendenciosos sobre determinados mandatários, porém não justificaram com exemplos práticos como ocorrem as manipulações midiáticas em relação a presidentes como Hugo Chávez, Evo Morales e Lula.

Nesse sentido, o professor esclareceu:

Notamos o processo de representação negativa sobre um determinado governo de várias maneiras. Governos à esquerda, que não são ideologicamente próximos ao tipo de política econômica que a mídia defende, são “caudilhos”, “populistas” e “ditadores” (mesmo que tenham sido eleitos democraticamente). Somente os erros desses governos são noticiados. Políticas sociais – que, de alguma maneira, diminuíram as desigualdades entre ricos e pobres em diversos países sul-americanos – não são apresentadas em telejornais, ou então minimizadas em seus efeitos.

Por sua vez, um aluno mencionou que os governantes politicamente à esquerda planejavam implantar o comunismo na América do Sul:

Os presidentes socialistas organizaram o Foro de São Paulo. Hugo Chávez, Lula e Fidel Castro eram os líderes. Queriam trazer o comunismo para toda a América, com ligações diretas com Rússia e China (ALUNO DO PROEJA).

Prontamente, o professor explicou que, para haver uma nação comunista, primeiramente é preciso a ruptura total com o sistema capitalista, com a revolução do proletariado. Daí surgiria o socialismo, fase intermediária entre o

capitalismo e o comunismo – a derradeira etapa do desenvolvimento da humanidade, segundo Marx (2008). “Nenhum dos governos de esquerda da América do Sul propôs a eliminação do pilar básico do capitalismo: a propriedade privada dos meios de produção” (PROFESSOR DO PROEJA).

Esse tipo de equívoco cometido pelo aluno também foi registrado por Ortellado e Solano (2016), em uma pesquisa com 517 manifestantes presentes em um ato público contra a corrupção estatal, em que os autores perguntaram o nível de concordância dos participantes com algumas frases. 64,1% dos manifestantes concordaram que “O PT quer implantar um regime comunista no Brasil” e 55,9% concordaram que “O Foro de São Paulo quer implantar uma ditadura bolivariana no Brasil”.

Também é importante frisar que “Foro de São Paulo” é a denominação pelo qual ficou conhecida a conferência criada em 1990 por partidos e movimentos sociais de esquerda da América Latina e Caribe, como o PT e o Partido Comunista Cubano. Seus principais objetivos são propor alternativas às políticas neoliberais e promover a integração latino-americana no âmbito econômico, político e cultural. Ao contrário do que é divulgado por usuários de redes sociais e alguns órgãos da grande imprensa brasileira, o Foro de São Paulo não era uma “organização secreta” até 1997, não há a participação das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) como membro efetivo ou tampouco esta conferência visa à implantação do comunismo na América Latina.

Provavelmente, o aluno obteve as informações falsas sobre o Foro de São Paulo pela internet. Diante de casos como este, é importante que os professores realizem reflexões em sala de aula sobre os conteúdos que estão disponíveis na rede mundial de computadores e a disseminação em grande escala de *fake news*.

Conforme constataram Ladeira e Leão (2018, p. 2229) em uma pesquisa sobre as relações entre discursos midiáticos e ensino de Geografia, atualmente, “além da grande mídia, os textos, imagens e vídeos que estão disponíveis na

Internet também exercem grande influência na formação dos imaginários geopolíticos de alunos da escola básica”.

No tocante à segunda pergunta do questionário, o professor nos informou que, dias antes de assistirem ao documentário *Ao sul da fronteira*, os alunos tiveram contato com trechos de uma produção similar – o documentário *O mundo global visto do lado de cá* – que mostra os efeitos negativos da aplicação de políticas neoliberais na América do Sul e as convulsões populares no Equador, Argentina, Bolívia e, em menor escala, no Brasil. Tais mobilizações ocorreram em reação às privatizações de empresas estatais, planos econômicos equivocados e cortes de gastos sociais. Uma das consequências do repúdio popular às políticas neoliberais foi a ascensão de presidentes à esquerda do espectro político na maioria das nações sul-americanas.

Nos anos 1990, praticamente toda a América Latina foi tomada por uma onda de governos de direcionamento econômico neoliberal. [...] Ações como a total abertura das fronteiras nacionais para o capital especulativo, privatizações de empresas estatais, diminuição de direitos trabalhistas e encolhimento de programas sociais foram adotadas em larga escala em nosso subcontinente. Se essas medidas foram extremamente benéficas para os grandes capitalistas, que aumentaram sumariamente seus lucros, para as parcelas mais pobres da população, em contrapartida, a aplicação do receituário neoliberal representou uma deterioração considerável em suas condições de vida. Sendo assim, já no final da década de 1990 e início dos anos 2000, em repulsa ao neoliberalismo, a população da maioria das nações latino-americanas elegeu governos mais à esquerda que, se não romperam com o paradigma econômico vigente, ao menos foram responsáveis pelo aumento da participação estatal na economia e introduziram políticas relativamente consistentes de redistribuição de renda (LADEIRA, 2015).

Apesar de não identificarem a associação causa/efeito entre rejeição de políticas neoliberais e eleições de governos à esquerda, os alunos constataram que em ambos os documentários assistidos são apresentadas contundentes críticas sobre a diminuição do papel do Estado.

Aproveitando o ensejo, o professor procurou exemplificar como determinadas políticas governamentais podem afetar diretamente os cotidianos dos alunos:

Para a agenda neoliberal, todos os serviços, exceto segurança e justiça, devem ser oferecidos pelo mercado, isto é, por particulares, a chamada iniciativa privada. Seus teóricos alegam que o governo é ineficiente para ofertar determinados serviços. Nessa lógica, nossa escola não seria pública, mas particular. Agora imaginem, uma instituição de excelência como a nossa, um instituto federal (com professores, em sua maioria, mestres e doutores) caso fosse privatizada, quanto seria a mensalidade? Provavelmente um preço muito alto (PROFESSOR DO PROEJA).

Mediante à observação feita pelo professor de Geografia, uma aluna pediu à palavra:

217

Estou sem receber o auxílio estudantil, está atrasado. Tenho dificuldade para vir para a aula. Dependo desse dinheiro para a passagem. [...] Professor, teve aquela manifestação em maio, contra os cortes de verbas para universidades e institutos federais. Tem a ver com isso esse atraso da minha assistência? (ALUNA DO PROEJA).

A discente se referiu às mobilizações de estudantes de institutos e universidades federais ocorridas em maio de 2019 que questionavam o corte de verbas para a educação promovido pelo governo federal.

Sem incentivar os alunos a participarem de protestos, ou mencionar o governo federal, o professor se limitou a discorrer sobre a importância da oferta de serviços de qualidade nas áreas de educação e saúde, pois os indivíduos que pertencem às classes baixas não têm condições de pagar pelos mesmos. “Para a elite econômica, que se trata de uma parcela ínfima da população, tanto faz os serviços serem privados ou públicos, eles têm recursos suficientes para arcar com qualquer gasto” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Nas respostas dos alunos à terceira questão foi possível perceber uma realidade que estudos anteriores – como Silva (1985) e Ladeira (2018) – já haviam concluído: quanto maior a proximidade do público com um determinado fato, maior a probabilidade de identificar os mecanismos de manipulação midiática.

Por outro lado, “devido ao distanciamento espacial dos receptores, o imaginário popular sobre questões geopolíticas tende a ser construído a partir de ideias vinculadas pela mídia” (LADEIRA; LEÃO, 2018, p. 19). Em outros termos, isso significa que, diferentemente do que ocorrem com os noticiários locais, as manipulações midiáticas sobre acontecimentos internacionais tendem a ser mais aceitas pelo público.

Entre os temas frequentemente presentes na grande mídia, os noticiários internacionais são, muito provavelmente, um dos que têm menor apelo junto à audiência. Seja pela complexidade dos fatos ou pela (aparente) falta de relação imediata com o cotidiano do cidadão comum, a realidade é que a maioria dos receptores passa incólume pelas matérias que abordam questões envolvendo outros povos e nações. [...] Compreender de maneira satisfatória o que se passa além de nossas fronteiras ainda é uma capacidade inacessível para o público em geral, pois exige conhecimentos que abarcam diferentes campos do saber, como História, Geografia, Ciências Sociais e Economia (LADEIRA, 2020).

Uma aluna citou como exemplo de manipulação midiática uma reportagem do noticiário local que apresentava uma obra de asfaltamento realizada pela prefeitura municipal. Segundo a discente, o que foi mostrado no telejornal era bastante diferente do que de fato ocorreu:

Na televisão tudo era muito bonito: máquinas da prefeitura trabalhando sem parar, asfalto novo na rua. Mas o que aconteceu foi bastante diferente: as máquinas da prefeitura só trabalharam um dia (e olhe lá!), o asfalto é aquele “tapa buraco”, que na primeira chuva já dá problema. O pessoal do bairro viu essa mentirada toda na televisão. Ficaram muito bravos! (ALUNA DO PROEJA).

Outros discentes citaram que durante as greves relacionadas aos transportes coletivos na Grande Vitória geralmente as redes de televisão distorcem os fatos: ressaltam apenas os possíveis transtornos para a população causados pelos movimentos grevistas e não divulgam as reivindicações dos trabalhadores ou mencionam os baixos salários recebidos pelos rodoviários.

A maioria dos alunos não conseguiu citar um caso de manipulação midiática referente à geopolítica global. Porém, um discente afirmou que “o ataque de 11 de setembro foi uma ‘armação’ feita pelo próprio governo americano para causar pânico na população” (ALUNO DO PROEJA), o que poderia configurar como uma “operação de bandeira falsa” (*false flag attacks*), isto é, uma ação clandestina em que um determinado país comete atos de terrorismo contra o seu próprio território e, em seguida, coloca a culpa em outro país ou organização a fim de justificar uma agenda política, como invasões a outras nações ou a imposição de leis que aumentam o poder estatal ou diminuem as liberdades individuais (MEYSSAN, 2003).

219

Em resposta à hipótese levantada pelo aluno, o professor afirmou que, apesar de não haver “verdades absolutas” em geopolítica, “até o momento não temos indícios de que o 11 de setembro seja um ‘ataque de bandeira falsa’, uma armação do próprio governo dos Estados Unidos. Ao que tudo indica, foi um atentado realizado pela Al Qaeda” (PROFESSOR DO PROEJA)

Percebendo as dificuldades apresentadas pelos alunos em identificar as manipulações presentes nos noticiários geopolíticos, o professor citou um exemplo que, segundo ele, seria de fácil compreensão:

Lembram, em 2003, quando os Estados Unidos invadiram o Iraque? Então, o motivo alegado foi que aquele país árabe possuía armas de destruição em massa e apoiava o chamado “terrorismo internacional”. No entanto, tudo isso era uma farsa, com apoio dos grandes grupos midiáticos. O objetivo real dos americanos era ter acesso privilegiado ao petróleo iraquiano (PROFESSOR DO PROEJA).

Sobre a quarta pergunta do questionário, os alunos mencionaram três motivos que dificultam a identificação dos brasileiros enquanto sul-americanos: a barreira linguística (o Brasil como única nação da América do Sul que tem o português como idioma oficial); a maneira como se deu o processo de independência da América Portuguesa (o Brasil como única monarquia em meio a várias repúblicas) e o tipo de colonização (o Brasil e os outros territórios sul-americanos se voltaram para as interações com suas metrópoles em detrimento das relações com os vizinhos subcontinentais).

De fato, uma pesquisa de opinião pública realizada entre 2010 e 2011 pelo projeto *The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy* (As Américas e o Mundo: Opinião Pública e Política Externa), coordenado pelo Centro de Investigação e Docência em Economia (CIDE) do México, em colaboração com quatro universidades latino-americanas, constatou que apenas 4% dos brasileiros entrevistados se definem como latino-americanos, ante uma média de 43% em outros seis países latino-americanos (Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru). Em uma das questões, os entrevistados deveriam apontar os gentílicos e expressões com os quais mais se identificavam. No Brasil, a principal resposta foi “brasileiro” (79%), seguida por “cidadão do mundo” (13%), “latino-americano” (4%) e “sul-americano” (1%). O Brasil foi o único entre os sete países da pesquisa em que o adjetivo pátrio ficou entre as três principais opções dos entrevistados. Argentinos, chilenos, colombianos, equatorianos e peruanos indicaram “latino-americano”, “sul-americano” e “cidadão do mundo”.

O estudo também fez a seguinte questão aos participantes: em qual região do mundo seu país deve prestar mais atenção? Na mesma linha do item sobre identidade, o Brasil foi o único na pesquisa a não priorizar a América Latina. Na opinião dos entrevistados, o foco da política externa deve ser a África (24%), depois América Latina (16%), seguida de perto por Europa (13%) e América do Norte (9,5%). Nos outros países a opção pela América Latina predominou, com

percentuais de 57% (Argentina) a 30% (Chile e Peru).

Para os autores da pesquisa, os resultados demonstram que a autoidentificação do brasileiro é tênue e ambivalente, marcada pela percepção de pertencer a uma nação diferente dos vizinhos, seja pela experiência colonial, língua ou processo de independência distinto (CIDE, 2011; GUIMARÃES, 2015).

Encerrada a prática pedagógica com a incorporação do documentário *Ao sul da fronteira*, o professor advertiu aos alunos que a recepção crítica em relação ao que se assiste ou lê na mídia não deve se limitar às atividades realizadas em sala de aula, “também é importante adotar essa postura reflexiva em seus cotidianos, desde os noticiários locais até às matérias que abordam questões sobre outros países, povos e governantes” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme constatado ao longo deste trabalho, a linguagem dos meios de comunicação de massa não contextualiza as notícias e não apresenta análises aprofundadas para que docentes e discentes compreendam e se posicionem de maneira satisfatória sobre os principais acontecimentos da atualidade.

No entanto, a experiência pedagógica aqui relatada – ao discutir sobre a importância da mídia como ator geopolítico e propor uma análise crítica sobre os noticiários que abordam a geopolítica sul-americana – além de levar para a sala de aula algumas das principais discussões acadêmicas sobre as relações internacionais, contribuiu decisivamente para que os alunos sejam telespectadores/leitores ativos e não se tornem indivíduos vulneráveis aos discursos tendenciosos que procuram distorcer os fatos em favor de determinados interesses ideológicos e econômicos.

Desse modo, pode-se afirmar que a sala de aula se constituiu em um espaço de reflexão sobre a realidade, cumprindo assim a função da escola enquanto instância privilegiada de transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, Angelo Kirst. **Hugo Chávez, o ditador**: o discurso da revista Veja sobre o presidente da Venezuela. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2008.

AO SUL DA FRONTEIRA. Direção de Oliver Stone. Estados Unidos, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cWk4VVym0IM>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani A. (org.). **A Geografia na Sala de Aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BRANSKI, Regina Meyer; CALDEIRA FRANCO, Raul A.; LIMA JUNIOR, Orlando Fontes. Metodologia de estudo de caso aplicado à logística. **XXIV Anpet: Congresso de Pesquisa e Ensino em Transportes**, Salvador, 2010.

CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y DOCENCIA ECONÓMICAS (CIDE). **The Americas and the World 2010-2011**: public opinion and foreign policy in Brazil, Colombia, Ecuador, Mexico, and Peru. Mexico, nov. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/CIDE%20report.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2020.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 1988.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUIMARÃES, Thiago. Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional, aponta pesquisa. **BBC Brasil**, 21 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151217_brasil_latinos_tg>. Acesso em: 4 mar. 2020.

LADEIRA, Francisco Fernandes Ladeira. **A geopolítica mundial na mídia**: conceitos, valores e discursos presentes no ensino de Geografia na educação

básica. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, São João del-Rei, 2018.

_____. Atalhos cognitivos dos noticiários internacionais, **Observatório da Imprensa**, ed. 1079, São Paulo, 17 de março de 2020. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/atalhos-cognitivos-dos-noticiarios-internacionais/>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

_____. Direita e esquerda na América Latina Contemporânea, Observando o Cotidiano, **Portal Obvious**, 2015. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/atalhos-cognitivos-dos-noticiarios-internacionais/>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

LADEIRA, Francisco Fernandes; LEÃO, Vicente de Paula. **A influência dos discursos geopolíticos da mídia no ensino de Geografia: práticas pedagógicas e imaginários discentes**. Curitiba: CRV, 2018.

LADEIRA, Francisco Fernandes. O uso do documentário “Derrubaram o Pinheirinho” para o estudo de conceitos de Geografia Urbana no ensino básico, **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.10, n.28, 288-306, 2019. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3613>>. Acesso em: 17 mar. 2020.

LEÃO, Vicente de Paula; CARVALHO LEÃO, Inêz Aparecida de. **Ensino de Geografia e Mídia: linguagens e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2003.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 26.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MEYSSAN, Thierry. **11 de setembro de 2011: uma terrível farsa**. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Perseu**, v. 11, p. 169-180, 2016.

SILVA, Calos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. A América Latina na imprensa brasileira, **Opinião Pública**, vol. 10, n. 1, Campinas, maio 2004.

STEINBERGER, Margareth Born. **Discursos geopolíticos da mídia** – jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: FAPESP, EDUC, CORTEZ, 2005.

VLACH, Vânia Rúbia Farias. BORGES NETO, Fernanda. O uso do vídeo no ensino da Geografia para Educação de Jovens e Adultos. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 79-102, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N11/Art5-Revista-Ensino-Geografia-v6-n11-BorgesNeto-Vlach.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Submetido em 20 de março de 2019

Aprovado em: 11 de maio de 2020

Publicado em: 30 de maio de 2020